



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

RAIRA DE FARIAS VILAR

**AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: UMA ANÁLISE DO FILME “O
ENIGMA DAS CARTAS”**

**MONTEIRO – PB
2018**

RAIRA DE FARIAS VILAR

**AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: UMA ANÁLISE DO FILME “O
ENIGMA DAS CARTAS”**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras
– Língua Portuguesa da Universidade Estadual da
Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para
obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientado por Rafael de Farias Ferreira

**MONTEIRO – PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

V697i Vilar, Raira de Farias.
As inteligências múltiplas [manuscrito] : uma análise do filme "O enigma das cartas" / Raira de Farias Vilar. - 2018.
41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2018.

"Orientação : Prof. Me. Rafael de Farias Ferreira ,
Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Inteligências múltiplas. 2. O enigma das cartas (Filme).
3. Cinema e Educação. 4. Aprendizagem escolar.

21. ed. CDD 370.152

RAIRA DE FARIAS VILAR

**AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: UMA ANÁLISE DO FILME “O
ENIGMA DAS CARTAS”**

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

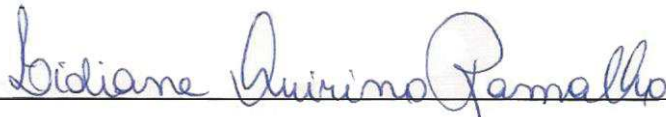
Aprovada em 18 de junho de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA



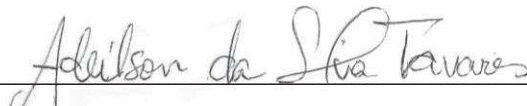
Prof.º Me. Rafael de Farias Ferreira - UEPB

(Orientador)



Prof.ª Esp. Lidiane Quirino Ramalho

(Avaliadora)



Prof Me. Adilson Da Silva Tavares – UEPB

(Avaliador)

*Aos meus pais,
com todo meu amor.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a Ti, Senhor Deus, pelo dom da vida, pela capacidade de batalhar e nunca desistir dos meus sonhos. Agradeço-te, também, porque em meio a tantas batalhas edificaste minha vida e nunca me desamparaste. Que tudo em mim seja realizado para Tua honra e glória.

Toda gratidão, também, aos meus pais – Ribamar e Eunice – que durante toda a graduação (e minha vida inteira) estiveram comigo, apoiando e incentivando a concluir mais uma etapa de minha vida. Sem vocês eu não nada seria e jamais teria conseguido concretizar esse sonho.

Agradeço ainda à minha prima, irmã, madrinha e companheira de apartamento, Gilmara Meira, que sempre me incentivou, puxou minhas orelhas quando necessário e mostrou-me os melhores caminhos a trilhar durante a academia.

A Jonathan Oriente por todo apoio e compreensão diante às minhas ausências e stress, que durante muito tempo foram difíceis de lidar. Obrigada por me apoiar, por dar-me forças para não desistir e estar ao meu lado nos piores momentos.

A Wamberto Junior que, apesar da distância, esteve ao meu lado e passou noites sem dormir, apoiando-me e incentivando-me para que meu trabalho pudesse ser concretizado.

Agradeço, ainda, a Marcelo Medeiros que, com seus carinhos pós-modernos, possibilitou grandes aprendizagens, além de mostrar que os caminhos acadêmicos são difíceis, porém satisfatórios.

À Joana Dar'k agradeço todos os ensinamentos em sala de aula e todos os conselhos extraclases. Agradeço-te ainda por ter despertado em mim a paixão pela Psicologia e espero que por meio desta nos encontremos muito na jornada da vida.

A Rafael Farias – meu caríssimo orientador – que não só aceitou meu convite prontamente, como também fez generosas contribuições ao meu trabalho, minha mais sincera gratidão.

Aos avaliadores, Lidiane Quirino – que é um ser de luz e foi/é de suma importância na minha formação acadêmica e enquanto ser humano – e Adeilson Tavares – que tanto contribuiu com meu trabalho na fase de pesquisa – minha mais sincera gratidão.

A todos os professores, colegas e funcionários que, de alguma forma estiveram presentes nesses anos de formação, minha mais sincera gratidão.

*Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma
forma continuamos a viver naqueles cujos olhos
aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa
palavra.*

Rubem Alves

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar a construção da cognição humana por meio da observação do desenvolvimento da personagem Sally, do filme “O enigma das cartas”, valendo-se da teoria das Inteligências Múltiplas, cujo criador – o psicólogo humanista Gardner – define como as possíveis capacidades que o ser humano pode desenvolver durante a vida. O estudo surgiu com inquietações em sala de aula sobre como as inteligências estão presentes em nosso dia a dia sem que as notemos, ou até sem que as conheçamos. Observando como o processo de aprendizagem é abordado em salas de aulas, buscamos compreender como os indivíduos aprendem e se desenvolvem cognitivamente. Para isso, buscamos analisar a obra cinematográfica dirigida por Michael Lessac no ano de 1993, como forma de representar a realidade por meio da arte. A partir da escolha do filme e da teoria, ressaltaremos como as construções sociais podem influenciar na ampliação das capacidades ou estagná-las. Para isso, nos valem de uma pesquisa bibliográfica e documental, cujo objeto de pesquisa, o filme, já foi analisado por diversos vieses da Psicologia sem, no entanto, ter sido trabalhado sob uma ótica educacional. Sendo assim, ao buscarmos suporte nas Inteligências Múltiplas, visamos mostrar que o desenvolvimento da cognição durante a infância é realizada de forma conjunta, a qual a multiplicidade de inteligências combinadas forma o ser único.

Palavras-chave: Inteligências múltiplas. Cognição. Cinema. Educação.

ABSTRACT

The present work intends to analyze the construction of human cognition by observing the development of the character Sally, from the movie "House of Cards", using the theory of Multiple Intelligences, whose creator - the humanist psychologist Gardner - defines as possible abilities that the human can develop during the life. The study came up with concerns in the classroom about how the intelligences are present in our day by day without we notice it, or even without our knowledge about it. Observing how the learning process is approached in classrooms, we try to understand how individuals learn and develop cognitively. For this, we look for analyze the cinematographic work directed by Michael Lessac in 1993, as a way of representing reality through art. From the choice of the movie and the theory, we will point how social constructions can influence the expansion of capacities or stagnate them. For this, we use a bibliographical and documentary research, whose object of research, the movie, has already been analyzed by various biases of Psychology without, however, been worked under an educational perspective. This way, when looking for support in Multiple Intelligences, we aim to show that the development of cognition during childhood is carried out in a joint way, which the multiplicity of combined intelligence forms the unique being.

Key words: Multiple Intelligences. Cognition, Movie Theater. Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA UMA ANÁLISE DO FILME “O ENIGMA DAS CARTAS”	11
2.1 O processo de aprendizagem: breves considerações	11
2.2 Howard Gardner e as inteligências múltiplas	13
2.2.1 Inteligência lógico-matemática	16
2.2.2 A inteligência linguística	17
2.2.3 A inteligência musical	18
2.2.4 A inteligência espacial	19
2.2.5 A inteligência corporal-cinestésica	20
2.2.6 A inteligência intrapessoal	21
2.2.7 A inteligência interpessoal	21
2.2.8 A inteligência naturalista	22
2.2.9 A inteligência existencialista	23
2.3 As inteligências múltiplas e a educação	24
3 O ENIGMA DAS CARTAS: ANÁLISE DOS DADOS	26
3.1 Cinema e Educação: algumas considerações	26
3.2 Cinema e Psicologia	28
3.3 Considerações sobre o filme O enigma das cartas	29
3.4 Descrição e análise de cenas	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

O filme “O enigma das cartas” retrata o drama de uma família, composta por uma mãe e dois filhos, cuja filha mais nova, Sally, sofre um trauma com a perda do pai e perde a capacidade/interesse de interação com o meio. Durante o longa-metragem, a menina desenvolve diversas capacidades cognitivas não observadas anteriormente na personagem, o que nos possibilitou um estudo sobre como é possível aprender fazendo uso de habilidades que podem ser desenvolvidas ao longo da existência do indivíduo.

Desse modo, o estudo tem por objetivo analisar como a criança desenvolve suas capacidades cognitivas – tendo em vista cognição como a capacidade de aprender/adquirir conhecimentos – e quais ganham mais destaque no enredo do filme. Para isso, nos valem da teoria das Inteligências Múltiplas, de Gardner (1995), que propõe, inicialmente, sete tipos de cognição para o ser humano, expandindo-os, posteriormente, para nove. Sendo assim, buscamos identificar quais das nove inteligências (linguística, lógico-matemática, musical, espacial, corporal-cinestésica, intrapessoal, interpessoal, naturalista e existencial) foram ampliadas ou suprimidas mais explicitamente pela personagem para que possamos compreender quais fatores influenciaram o desenvolvimento de cada inteligência e como podemos trazer isso para o âmbito educacional.

Visto que o cinema é uma arte que desenvolve dimensões ou representações contextuais da realidade, nos pautamos do uso de textos fílmicos para análises em torno dos processos e interações que geram ou não aprendizagens.

Pensando nisso, buscamos ressaltar as inteligências destacadas com mais ênfase no filme, de modo que fique clara a percepção do leitor sobre o que cada uma representa. Além disso, apresentamos sugestões de possíveis pesquisas que ainda podem ser realizadas com o mesmo objeto de pesquisa.

Por fim, é importante ressaltar as contribuições dos teóricos: Gardner (1995), Gáspari (2002), Napolitano (2014), Campos (2008), Teles (2001) e Klammer (2006), que nos trouxeram subsídios de suma relevância para o desenvolvimento da pesquisa, proporcionando o conhecimento necessário para a conclusão deste trabalho. Como resultados, percebemos que, das Inteligências Múltiplas, a corporal-cinestésica teve um destaque maior, porém, há a potencialização de outras capacidades, o que nos leva a refletir sobre como é possível desenvolver estas competências de maneira adequada, pensando em como as crianças podem se desenvolver de maneira mais ativa e dinâmica.

2 AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA UMA ANÁLISE DO FILME “O ENIGMA DAS CARTAS”

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.

Jean Piaget

2.1 O processo de aprendizagem: breves considerações

Durante a infância o indivíduo vive suas primeiras experiências, desenvolve as primeiras capacidades físicas e intelectuais, cria as primeiras afinidades e começa a descobrir os primeiros talentos e aptidões. Ainda durante a infância, registramos os primeiros traços de caráter, solidariedade e empatia, no entanto, nesta fase, dependemos da interação com o outro, como pontua Teles (2001).

Sendo assim, é plausível dizer que na infância é possível definir todos os traços da personalidade do adulto, como concorda Teles (2001, p. 91), que completa: “nos albores da existência que se constrói uma estrutura psicológica sadia ou doente”. Logo, além do desenvolvimento físico, a infância é, sobretudo, “a época de desabrochamento em todos os setores da vida”.

Portanto, quando pensamos na infância, é impossível não associar à fase de aprendizado, que é de suma importância para o desenvolvimento cognitivo. Teles (2001) afirma que Piaget defende que o processo de aprendizagem infantil é fragmentado em quatro estágios, divididos em: Sensoriomotor (entre zero e dois anos: a criança desenvolve as primeiras capacidades para conhecer o próprio corpo, e considera algo bom ou ruim conforme o que deseja ou não colocar na boca), Pré-Operacional (entre dois e sete anos: a criança começa a se socializar e aprende com auxílio de um mentor), Operações Concretas (entre sete e doze anos: a socialização é ampliada, a criança começa a buscar conhecimento sozinha e há o despertar dos sentimentos de afabilidade) e Períodos das Operações Lógicas

ou Abstratas (entre onze e quatorze anos: há o desenvolvimento do senso crítico, da criação de hipóteses e o início das relações afetivas), como observa Francisco Filho (2002).

Vygotsky, segundo Coelho e Pisoni (2012), propõe que o meio cultural e social são fatores determinantes para a aprendizagem e que deve ser levado em consideração o que a criança já sabe e o que ela precisa aprender. Para tanto, o teórico desenvolve três fases para o desenvolvimento do indivíduo. A primeira é chamada de Zona de Desenvolvimento Real, que leva em consideração o conteúdo que a criança domina – e, conseqüentemente, não precisará ser ensinado. A segunda denominada de Zona de Desenvolvimento Proximal leva em consideração o que precisa ser aprendido. Por conseguinte, o indivíduo dependerá de estímulos do meio, ou seja, as pessoas que convive, o ambiente em que habita, a cultura que lhe é ensinada e tudo que é externo ao ser, pode influenciar na aprendizagem. A terceira Zona de Desenvolvimento, a Potencial, por fim, se classifica por ser onde o ser deve chegar, ou seja, o objetivo a ser cumprido.

Maria Montessori, por sua vez, defende uma aprendizagem construtivista, a qual a criança evolui mentalmente conforme cresce biologicamente. O autor Piletti (2016, p. 121) afirma que “podem-se identificar, nessa evolução, determinadas fases, cada uma mais adequada a certos conteúdos de aprendizagem”, ou seja, conforme a criança adolece e amadurece, o aprendizado tende a evoluir, de modo que os conteúdos a serem ensinados dependem do grau de amadurecimento apresentado pelo indivíduo.

Pensando nisso, Campos (2008), concordando com o que foi proposto anteriormente por Piaget, evidencia que a criança necessita de condições para aprender; condições essas que variam do biológico ao social. Sendo assim, a autora salienta que para haver uma boa aprendizagem, primeiramente o indivíduo precisa ter boas condições intelectuais, não apresentar nenhum dano cerebral ou algo que o impeça de aprender; ter boa influência do meio, ou seja, ter local adequado para o ensino, assim como, conseguir se adaptar aos locais, não estar sob efeito de substâncias químicas e o mais importante, ter maturidade para o aprendizado.

Sendo assim, é necessário avaliar os conteúdos que serão ensinados às crianças, de modo que atendam ao seu nível maturacional, ou seja, uma criança que está no período de aprender as cores, não terá condições cognitivas para compreender o processo de leitura e escrita.

Segundo Gardner (1995) quando não somos apresentados a uma determinada inteligência, mesmo que essa seja inerente ao ser, não conseguiremos desenvolvê-la. Um

exemplo claro disso é quando uma criança não é inserida no mundo da linguagem, ou seja, por mais que se tenha a capacidade de falar, não o aprenderá se não conviver com outros falantes. Um caso claro da falta de contato com a linguagem é o das crianças lobo Amala e Kamala¹, que ao não terem contato com humanos que os ensinasse os “costumes” sociais, passaram a se comportar como animais.

2.2 Howard Gardner e as inteligências múltiplas

Howard Gardner² nasceu em 1943, em Scranton, Pennsylvania; era de família alemã e para fugir do nazismo, migrou pra os Estados Unidos da América. Neste país, Gardner estudou e se formou em Psicologia, pela Universidade de Harvard, onde também realizou seu doutorado na mesma área. Em Harvard, Gardner tornou-se professor de Cognição e Educação, ocupando também o cargo de professor³ adjunto de Psicologia na Universidade de Harvard e Diretor Sênior do Harvard Project Zero.

“Em 1979, uma [...] equipe de pesquisadores da *Harvard Graduate School of Education* foi solicitada pela *Bernard Van Leer Foundation of the Hague* a realizar uma investigação sobre um grande tópico: A Natureza e Realização do Potencial Humano” (GARDNER, 1995, p. 3), o que possibilitou as primeiras descobertas sobre as inteligências e foi representada na obra *Estruturas da Mente*, escrita por Gardner.

Durante as pesquisas realizadas, Gardner e seus companheiros de pesquisa, Lynn Barendsen, Wendy Fischman e Carrie James, dentre outros colaboradores, puderam analisar como a cognição humana era desenvolvida. *A priori*, o pesquisador buscou analisar por um viés artístico – visto que ele também era pianista e influenciador das artes – para que desse modo pudesse observar como pessoas com danos cerebrais conseguiriam desenvolver habilidades criativas.

A posteriori, e como fruto da pesquisa, Gardner obteve uma lista com sete tipos de inteligências: a lógico-matemática, a linguística, a musical, a espacial, a corporal-cinestésica, a intrapessoal e a interpessoal, que, em seguida, com o avanço dos estudos, aumentaram para nove, sendo assim, acrescentadas as inteligências: naturalista e a

¹ Disponível em: <http://www.oarquivo.com.br/variedades/curiosidades/2612-amala-e-kamala-a-historia-das-meninas-lobo.html>. Acessado em: 15 de junho de 2018.

² As informações biográficas citadas estão disponíveis no site: <https://educavita.blogspot.com.br/2015/07/biografia-howard-gardner-educador.html>. Acessado em: 06 de outubro de 2017.

³ Informações disponíveis em: <http://www.pz.harvard.edu/who-we-are/people/howard-gardner>. Acessado em: 01 de novembro de 2017.

existencialista. O autor considera este o marco do desenvolvimento de sua teoria, já que posteriormente à publicação do livro, *The frames of mind: the theory of multiple intelligences* – em título original – ele foi convidado para ministrar palestras e realizar entrevistas que abordassem os resultados de sua pesquisa.

Uma curiosidade a respeito da teoria das Inteligências Múltiplas (IM) é que ela foi fortemente aceita por educadores, pais e pesquisadores da área da educação, enquanto foi “ignorada” por pesquisadores da área da Psicologia. Isso ocorreu porque, com as descobertas de Gardner, todos os conceitos de inteligência defendidos anteriormente foram questionados. No entanto, esse fato não diminuiu a importância da pesquisa, que trouxe uma nova visão sobre o que é ser inteligente.

Sendo assim, é de grande valia ressaltar que antes da teoria criada por Gardner, os conceitos de inteligência eram muitos e, obviamente, não davam conta de abranger as áreas de desenvolvimento cognitivo completamente. Gardner (1995) afirma que o termo *inteligência* teve sua utilização baseada na tentativa de mensurar as habilidades mentais de determinados indivíduos, a fim de qualificar a inteligência como algo que podia ser medido ou verificado em testes de QI, por exemplo. A partir desse conceito, criou-se um estereótipo de que pessoas inteligentes eram aquelas que compreendiam rapidamente e com facilidade os mais diversos assuntos.

Gardner (1995), porém, se posiciona contrário a esta concepção. Para ele, há uma *pluralidade de inteligências* que se desenvolvem de maneiras e tempos diferentes em cada pessoa. Sendo assim, o teórico afirma: “A ‘inteligência’ é uma capacidade geral, encontrada em graus variados em todos os indivíduos. Ela é a chave para o sucesso na resolução de problemas” (GARDNER, 1995, p. 19), ou seja, todos os seres humanos têm iguais capacidades, no entanto, o que diferencia um ser do outro é o quanto cada capacidade é desenvolvida. Sobre isto, Gardner (1995, p. 18) afirma: “É de máxima importância reconhecer e estimular todas as variadas inteligências. Nós somos tão diferentes em grande parte porque possuímos diferentes combinações de inteligências”, o que significa que podemos desenvolver o número de inteligências que nos forem estimuladas, de modo que nos tornamos mais bem sucedidos quando desenvolvemos uma quantidade maior delas.

Gardner pontua, ainda, que um fator que influencia esse desenvolvimento é a cultura. Desse modo, o ser é influenciado pelos gostos e peculiaridades das pessoas, instituições, mídias, por objetos e pelo meio em que circula, além das situações em que

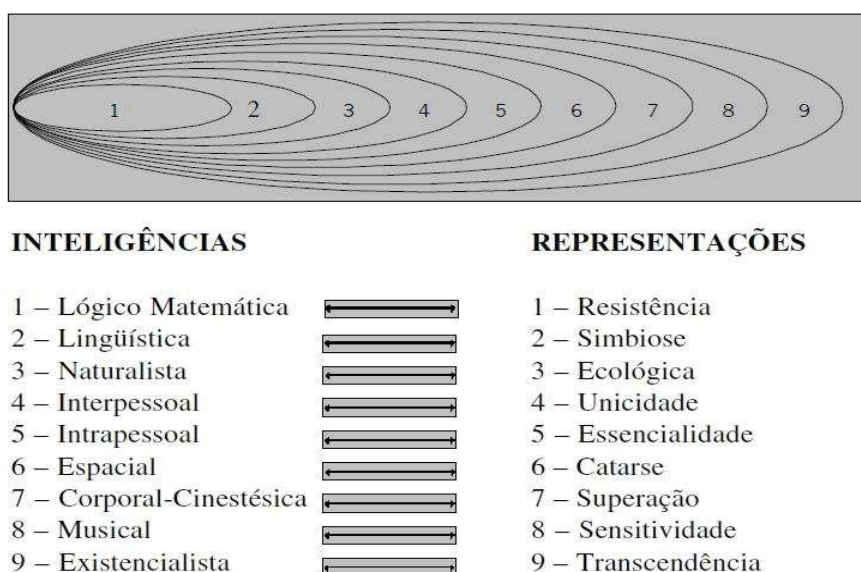
interage, de modo que, ela torna-se mais comunicativa, extrovertida, esportiva (ou o contrário) conforme é ensinada e exposta ao que se deve aprender. Sendo assim, o autor afirma que as inteligências são “múltiplas para enfatizar um número desconhecido de capacidades humanas diferenciadas, variando desde a inteligência musical até a inteligência envolvida no entendimento de si mesmo” (GARDNER, 1995, p. 3).

Por conseguinte, Gardner (1995), em sua teoria, afirma que o ser humano é capaz de desenvolver nove tipos de inteligências, citadas anteriormente. Sobre as inteligências Strell (2000) apresenta uma breve caracterização em forma de resumo, dentre as quais, podem-se destacar que são:

Capazes de realização (pelo menos em parte) através de mais de um sistema sensorial; Entidades num determinado nível de generalidade. Sendo que, a comparação entre diferentes inteligências em todos os seus detalhes constitui um erro, pois cada uma deve ser pensada como um sistema próprio com suas próprias regras. Um potencial, pois um indivíduo em posse de uma inteligência não tem qualquer circunstância que o impeça de colocá-la em ação. Contudo, as inteligências não devem ser pensadas em termos valorativos, pois não necessariamente serão colocadas a serviço de bons fins (STRELL, 2000, p. 3).

Além das características supracitadas, Gáspari e Shwartz (2002) desenvolveram um quadro ilustrativo que evidencia as inteligências, ligando-as a sua respectiva propriedade, como podemos ver a seguir, de acordo com a Figura 01.

Figura 01. Inteligências e suas representações



Fonte: GÁSPARI; SHWARTS, 2002, p. 264.

Sendo assim, com base no quadro de Gáspari e Shwartz (2002, p. 264) é possível afirmar que as inteligências estão interligadas, uma dentro da outra, completando-se entre si, o que reafirma as colocações de Gardner (1995) que assegura que as inteligências devem ser aprendidas em comunhão, já que uma depende da outra, e quando desenvolvemo-las juntas, o indivíduo torna-se mais inteligente. Portanto, agora amadureçamos de que se trata cada inteligência.

2.2.1 Inteligência lógico-matemática

A inteligência lógico-matemática é destacada por Gardner (1995, p. 24) como a capacidade de resolvermos problemas por meio da dedução, de modo que é facilmente classificada como “pensamento científico”, uma vez que, muitas descobertas científicas são realizadas pela capacidade de observação e dedução do pesquisador, no entanto, é possível afirmar também que esta inteligência se apoia em “critérios empíricos”, ou seja, na observação das coisas ou experiências vividas, tornando a habilidade de entendimento mais rápida.

Por conseguinte, o pesquisador afirma que a inteligência lógico-matemática se destaca por apresentar duas características marcantes, são elas: 1. “O processo de resolução do problema geralmente é surpreendentemente rápido”, possibilitando a criação de inúmeras hipóteses e variáveis que, posteriormente, serão avaliadas e aceitas ou negadas; e 2. A resolução dos problemas pode ocorrer por meio verbal ou não verbal, ou seja, há possibilidade de encontrar a solução para o problema antes de ser articulado. Sendo assim, “[...] o processo de solução pode ser totalmente invisível, inclusive para aquele que resolve o problema”. (GARDNER, 1995, p. 24).

Desse modo, Gáspari e Schwarts (2002) apresentam as principais capacidades desenvolvidas por uma pessoa que tem a inteligência lógico-matemática mais afluída. São elas:

Poder decodificar, analisar, sintetizar, compreender, avaliar e questionar os “modelos” socialmente impostos e, por meio da vivência de aventura, expressar-se resistente às perspectivas de manutenção ou de transformação desses modelos. (GÁSPARI e SCHWARTS, 2002, p. 264).

Simplificando o que foi posto por Gardner e Gáspari e Schwarts, pode-se afirmar que a inteligência lógico-matemática é a capacidade de raciocinar bem, resolver problemas matemáticos de maneira efetiva, além de utilizar números de forma concreta. Portanto, quando pensamos na presença desta inteligência no âmbito escolar, costumamos associar ao ensino de números, cálculos e expressões numéricas – o que é aceitável – mas, é possível associar também, ao levantamento de hipóteses, às deduções sobre problemas, à habilidade de raciocinar acerca de problemas para, por fim, conseguir resolvê-los.

2.2.2 A inteligência linguística

A segunda inteligência, a linguística, é responsável pelo desenvolvimento de uma linguagem com características próprias para o ser, de modo que ele possa interagir e se expressar de maneira variadas, fortalecendo marcas comunicativas do falante. Gardner (1985, p. 14) pontua “a inteligência linguística é o tipo de capacidade exibida em sua forma mais completa, talvez, pelos poetas”. Isso ocorre, pois, na maioria dos casos, os escritores de poesia conseguem transmitir sentimentos, musicalidade, conhecimentos gramaticais, métricos, específicos ou não do gênero, de forma tão coerente e tão sensível que “atinge” os mais variados públicos, além de possibilitar diversas interpretações sobre o mesmo poema.

Além disso, assim como a inteligência lógico-matemática, a inteligência linguística se apoia nos fatos empíricos para se sobressair. Desse modo, é possível afirmar que os “fatos do mundo” influenciam no desenvolvimento da linguagem, que pode ser expressa de modo verbal ou não verbal. Sendo assim, todo e qualquer modo de comunicação está inserida nesta inteligência.

Em conformidade com o que foi proposto, Gardner (1995) afirma:

Mesmo nas populações surdas, em que uma linguagem manual de sinais não é explicitamente ensinada, as crianças frequentemente “inventam” sua própria linguagem manual e a utilizam secretamente. Dessa forma, nós vemos como uma inteligência pode operar independentemente de uma específica modalidade de input ou de um canal output. (GARDNER, 1995, p. 25).

Sendo assim, é possível atribuir à inteligência linguística a capacidade de comunicação e interação com as pessoas, seja de forma oral, visual ou gestual, além de possibilitar o uso efetivo das palavras.

2.2.3 A inteligência musical

A terceira inteligência proposta por Gardner, a Musical, é apresentada pelo pesquisador como uma das mais naturais e expressivas do ser humano, visto que ela pode ser desenvolvida antes mesmo de a criança saber falar ou tocar algum instrumento. Assim como a Inteligência Linguística, Gardner propõe que a inteligência musical é intrínseca ao sujeito ou seja, as pessoas nascem com a capacidade de reconhecer sons e, posteriormente expressá-los. A inteligência musical se apresenta muitas vezes, no DNA do indivíduo, estando biologicamente preparado para desenvolvê-la.

Sendo assim, no caso da inteligência musical, o indivíduo tende a “identificar e executar padrões musicais, em termos de ritmo e timbre” (NUNES, 2014, p.866) e explora a sensibilidade do homem para desenvolver os sentidos do corpo. Sobre isso Gáspari e Schwarts (2002) asseguram:

A comunicação do homem no e com o mundo real, estimulada nas práticas de aventura, inclui a capacidade de utilizar sons naturais como forma de expressão. As experiências dessa natureza, pouco comuns, colocam o homem num estado de alerta, do qual decorre sua suscetibilidade para sons, cheiros, indícios, sensações, representando, simbolicamente, o ver-ouvir-sentir dos ritmos internos de seu próprio corpo, harmonizado com o exterior. (GÁSPARI e SCHWARTS, 2002, p.265).

Além de possibilitar o conhecimento musical do ambiente ao qual está exposta, a inteligência musical possibilita que tenhamos facilidades em tocar instrumentos, identificar os sons que esses instrumentos produzem, assim como discernir qual instrumento produz qual som, portanto, torna-se muito comum em músicos, cantores e afins.

É possível, ainda, explorar que a inteligência musical pode ser aprendida em qualquer fase da vida, necessitando, apenas, do estímulo correto. Pensando nisso, a Lei nº 11.769 foi criada e sancionada pelo Governo Federal no ano de 2008, o que obriga o ensino de Música em todas as escolas de educação básica do país, e proporciona, não só que as crianças e jovens desenvolvam aptidões musicais, como também que dilatem a

capacidade de se apresentar para o grande público, de se comportar com disciplina e de ampliar os horizontes culturais e sociais, visto que a música gera interação entre os mais variados povos.

2.2.4 A inteligência espacial

A quarta inteligência, a espacial, explica como são criadas as noções de espaço, tanto em um modelo mental, quanto em um material, de modo que a capacidade de compreender o espaço não está estritamente ligada ao físico, ou seja, identificar localizações em um mapa, por exemplo, mas também, proporciona que possamos criar modelos mentais sobre objetos, pessoas e lugares.

Desse modo, Gardner (1995, p. 26) defende que uma pessoa cega, por exemplo, é totalmente capaz de desenvolver uma capacidade espacial, visto que, por meio do tato, ela consegue criar as percepções de espaço, mesmo que indiretamente. Por outro lado, pessoas com a visão perfeita, podem não desenvolver essa inteligência e se perder facilmente.

Em suma, Gardner (1995, p. 15) afirma:

a inteligência espacial é a capacidade de formar um modelo mental de um espaço e de ser capaz de manobrar e operar utilizando esse modelo. Os marinheiros, engenheiros, cirurgiões, escultores e pintores, [...], possuem uma inteligência espacial altamente desenvolvida. (GARDNER, 1995, p. 15).

Sendo assim, quando conseguimos memorizar caminhos, traçar rotas, utilizar GPS, fazer desvios enquanto dirigimos e até se esquivar de obstáculos, estamos desenvolvendo a inteligência espacial de maneira efetiva. Ao contrário, quando não conseguimos nos localizar e criar rotas e caminhos, significa que não desenvolvemos da maneira adequada esta inteligência.

Pensando nisso, podemos usar a escola como suporte para a aprendizagem desta inteligência, visto que, durante os primeiros anos do Ensino Básico aprendemos os pontos cardeais, os mapas, como utilizar a bússola, dentre outros mecanismos de orientação. No entanto, o desenvolvimento dessa habilidade começa bem antes. Quando nos é ensinado o significado de *esquerda e direita, cima e baixo, dentro e fora* conseguimos ter contato com as primeiras noções de espaço. Essas noções são de suma importância para o

desenvolvimento da inteligência espacial, visto que elas nos dão o subsídio necessário para conseguirmos nos locomover e encontrar locais.

Por conseguinte, é importante salientar o valor da motricidade, que nos possibilita ter reações voluntárias ou involuntárias sobre o nosso corpo e ativa outra função da inteligência espacial, que é reagir rapidamente a estímulos. Sendo assim, podemos agarrar uma bola que é arremessada em nossa direção de forma voluntária, se estivermos esperando o lançamento, ou involuntária, caso não estejamos o esperando.

2.2.5 A inteligência corporal-cinestésica

A inteligência corporal-cinestésica está relacionada com a nossa capacidade de usar o corpo para desenvolvermos atividades e nos expressarmos sobre algo que está ao nosso redor. Nela é possível desenvolver as capacidades de conhecimento do próprio indivíduo, como expansão dos limites motores, habilidade de resolver problemas ou elaborar produtos utilizando o corpo, como corrobora Travassos, (2001). Armstrong (2000, p. 14), de maneira sucinta e simplificada, resume a inteligência corporal-cinestésica como:

Perícia no uso do corpo todo para expressar ideias e sentimentos (por exemplo, como ator, mímico, atleta ou dançarino) e facilidade no uso das mãos para produzir ou transformar coisas (por exemplo, como artesão, escultor, mecânico ou cirurgião). **Esta inteligência inclui habilidades físicas específicas, tais como coordenação, equilíbrio, destreza, força, flexibilidade e velocidade, assim como capacidades proprioceptivas, táteis e hápticas.** (ARMSTRONG, 2000, p.14). (Grifos meus).

Por conseguinte, reafirmando o que foi proposto por Armstrong (2000), é possível afirmar que uma pessoa com esta capacidade aflorada é capaz de realizar, com maestria, tanto práticas motoras quanto práticas criativas, de modo que a maneira de expressão do indivíduo é utilizando o corpo. Portanto, é possível associar a inteligência corporal-cinestésica ao uso do corpo como forma/produção de expressão.

Uma forma de inserir essa inteligência no meio educacional é por meio da educação física. Esta nos possibilita conhecimento do nosso corpo, assim como a capacidade de fortalecê-lo e superar os limites que são impostos ao nosso físico. Portanto, uma pessoa com um bom condicionamento físico tende a desenvolver alguns vieses artísticos com mais facilidade, como, por exemplo, na ginástica.

2.2.6 A inteligência intrapessoal

Com origem latina a palavra intrapessoal é formada pelo prefixo *intra* (dentro, posição interior) mais o nome *persona* (relativo à pessoa, ser humano), acarretando em dentro da/o pessoa/ser, sendo assim, quando olhamos para a inteligência intrapessoal estamos buscando a capacidade de apreciar o que se encontra dentro de si, ou seja, nela o ser aprende a ter uma boa relação consigo próprio, fazendo uma análise verdadeira de si, possibilitando controlar a própria vida de maneira coerente. Gardner (1995, p. 28) afirma que a inteligência intrapessoal é

o conhecimento dos aspectos internos de uma pessoa: o acesso ao sentimento da própria vida, próprias emoções, à capacidade de discriminar essas emoções e eventualmente rotulá-las e utilizá-las como uma maneira de entender e orientar o próprio comportamento. A pessoa com boa inteligência intrapessoal possui um modelo viável e efetivo de si mesma.

A pessoa com um bom desenvolvimento da inteligência intrapessoal é capaz de observar os próprios sentimentos com delicadeza, assim como controlar as próprias emoções de maneira adequada a cada situação em que está inserida. Portanto, nela adquirimos a capacidade de compreendermos a nós mesmos além de nos aceitarmos enquanto indivíduos.

2.2.7 A inteligência interpessoal

A inteligência interpessoal, como o próprio nome diz, (*inter*: prefixo de origem latina equivalente a *entre*; e *persona*: que significa pessoa) está relacionada à interação entre pessoas, ou seja, à capacidade de entender outras pessoas, mobilizando “atitudes e valores essenciais no relacionamento (cooperação, respeito, paciência, solidariedade, empatia, reconhecimento da emoção alheia, criticidade, criatividade, encorajamento na busca de soluções sem imposição de ideias)” (GÁSPARI e SCHWARTS, 2002).

Além disso, outra característica da inteligência interpessoal é o desenvolvimento da empatia, que é a capacidade de se colocar no lugar do outro, de modo que possamos compreender o que ele está passando sem que seja falado, assim como “entrar no mundo

alheio”, possibilitando tratar com respeito os sentimentos de outrem sem julgar ou tentar modificá-los. Com isso, Gardner (1995, p. 27) afirma:

A inteligência interpessoal está baseada numa capacidade nuclear de perceber distinções entre os outros; em especial, contrastes em seus estados de ânimo, temperamentos, motivação e intenções. Em formas mais avançadas, esta inteligência permite que um adulto experiente perceba as intenções e desejos de outras pessoas, mesmo que as escondam. Essa capacidade aparece numa forma altamente sofisticada em líderes religiosos ou políticos, professores, terapeutas e pais. [...] esta inteligência não depende da linguagem. (GARDNER, 1995, p. 27).

Sendo assim, é possível afirmar que estabelecemos relações interpessoais quando buscamos compreender o próximo, mesmo que ele não expresse suas aflições por meio da linguagem, ou seja, entendemos o que se passa no mundo do outro por meio do olhar, gestos, ações, etc.

2.2.8 A inteligência naturalista

Considera a capacidade de conexão com a natureza, a inteligência naturalista é subsidiada pela capacidade de o homem interagir com os elementos da fauna e flora. Desse modo, uma pessoa com esta inteligência bem desenvolvida é capaz de estabelecer uma relação próxima com o meio ambiente, ou seja, conseguem com facilidade plantar, colher, identificar os mais variados tipos de plantas e animais. No entanto, uma pessoa habituada à vida urbana pode usufruir desta inteligência quando identifica as alterações ocorridas em seu meio de circulação. Armstrong (2000) faz algumas considerações sobre a inteligência naturalista, dentre as quais vale destacar:

Perícia no reconhecimento e classificação das numerosas espécies – a flora e a fauna – do meio ambiente do indivíduo. Inclui também sensibilidade a outros fenômenos naturais (por exemplo, formação de nuvens e montanhas) e, no caso das pessoas que cresceram num meio ambiente urbano, a capacidade de discriminar entre seres inanimados como carros, tênis e capas de CDs musicais. (ARMSTRONG, 2000, p.15).

Desse modo, é possível afirmar que pessoas que desenvolvem esta inteligência possuem os conhecimentos necessários para a sobrevivência do solo, assim como de um ecossistema em equilíbrio e, como exemplos podem-se destacar os biólogos e ativistas

naturais. Além disso, a inclusão de hortas em escolas pode possibilitar o desabrochar dessa inteligência, já que os alunos passam a ter contato/interesse pelo meio que circula, acarretando no estudo sobre as plantas, solos, clima e tudo relacionado ao ambiente propício para cultivo.

2.2.9 A inteligência existencialista

A inteligência existencialista surge com a necessidade do homem de ter um “destino” para sua vida. A mais complexa das inteligências, talvez, é a capacidade de sabermos que somos finitos e que com o encerramento da carne, podemos ter um destino “superior” ou – como está proposto em Gênesis 3:19, “porque tu és pó e ao pó hás de voltar” – seremos apenas um corpo a putrefazer-se.

Esta inteligência é fortemente associada à fé e à crença de que um ser superior rege o universo e, crendo nisso, não teremos fim. Além disso, Gáspari e Schwartz (2002, p. 265) acrescentam: “o ser humano amplia as possibilidades de elevar-se além da realidade cotidiana, de extrapolar os limites sociais, aos quais precisa resistir”, ou seja, o ser humano é capaz de acreditar em algo que não pode ver, fugindo, assim, dos limites lógicos da realidade.

Sendo assim, quando Gardner lançou a teoria das Inteligências Múltiplas um leque de possibilidades para o aprendizado foi aberto. Pôde-se observar a inteligência além dos limites já alcançados e com isso, ensinar as crianças, jovens e adultos que não há uma fronteira para aprender. Quando o autor afirmou que as inteligências são múltiplas e que a multiplicidade de combinações fazia pessoas únicas, possibilitou que indivíduos que não se destacam em uma área obtivessem destaque em outra (e vice-versa).

Portanto, após conhecermos as inteligências múltiplas propostas por Gardner (1985), é possível afirmar que não há um tipo fixo de inteligência para desenvolvermos e que podemos apreender as nove em estágios diferentes da vida, e algumas podem ficar mais evidentes que outras. Desse modo, as pessoas podem demonstrar maiores habilidades em algumas inteligências que em outra, todavia, é mais recorrente um uso combinado entre elas, principalmente em adultos.

2.3 As inteligências múltiplas e a educação

Como foi citado anteriormente nesta pesquisa, a teoria das Inteligências Múltiplas recebeu forte aceitação por profissionais da educação, o que possibilitou uma nova perspectiva sobre como ocorre o processo de ensino/aprendizagem das pessoas, principalmente as crianças. Gardner (1995, p. 32) afirma:

Uma vez que as inteligências se manifestam de maneiras diferentes em níveis desenvolvimentais diferentes, tanto a avaliação quanto a estimulação precisam ocorrer de maneira adequada. O que estimula no período de bebê seria inadequado em estágios posteriores, e vice-versa. Nos anos pré-escolares e nos anos iniciais elementares, a instrução deve enfatizar a oportunidade. É durante esses anos que as crianças podem descobrir alguma coisa sobre seus interesses e capacidades peculiares. (GARDNER, p. 32).

Diante de tal afirmação, é possível notar que na infância os indivíduos são apresentados às inteligências e criam uma tendência de aproximação para uma e de afastamento para outra. Neste caso, a pluralidade de inteligências auxilia a criança a criar afinidades com determinadas áreas do conhecimento, enquanto se afastará de outras.

Pensando na perspectiva educacional, portanto, a teoria supracitada surge como um mecanismo de aprendizagem, de modo que se sabemos quais inteligências são possíveis de se desenvolver, podemos ensinar às crianças de maneira adequada, visando apresentá-las às mais variadas formas de aprendizagem. Na prática, no entanto, o ensino tradicional, que visa enfatizar as capacidades linguísticas e matemáticas dos estudantes, não se adequam ao proposto por Gardner, já que o estímulo às capacidades dos alunos não são efetivadas adequadamente.

Isso ocorre, pois, algumas inteligências são consideradas superiores em detrimento de outras, fazendo com que algumas pessoas sejam consideradas menos inteligentes por não dominarem justamente o que é tratado por prioridade. Sendo assim, quando pensamos num ensino baseado na teoria das Inteligências Múltiplas, estamos visando uma educação que aborde de maneira igualitária as linguagens, a matemática, as artes, o esporte, os conhecimentos ambientais, espirituais e até a capacidade de gerir pessoas.

Portanto, é possível afirmar que a teoria das inteligências múltiplas tende a explorar potencialidades dos alunos, indo além do que é proposto pelo currículo escolar, de modo que a formação seja efetiva, criando cidadãos capazes de atuar nas mais variadas áreas.

Alguns fatores, porém, precisam ser somados à teoria, como bem salienta Freitas e Tavares (s.d):

Para que as crianças se desenvolvam e vivenciem um processo de ensino e aprendizagem de qualidade, é essencial que o ambiente escolar seja adequado para contribuir nesse processo. O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para o desenvolvimento físico e cognitivo dos alunos considerando a faixa etária de cada um e também os vários momentos lúdicos que lá acontecem. (FREITAS, TAVARES, s.d).

Desse modo é importante salientar a função da escola e seus profissionais no processo de aprendizagem infantil. Estes devem dispor de conhecimentos técnicos sobre os conteúdos, mas também, compreender que a forma como o conteúdo é trabalhado interfere diretamente na aprendizagem, ou seja, quanto mais criativas, lúdicas e interessantes forem as formas de ensino, mais rápida, eficaz e produtiva será a aprendizagem da criança.

Portanto, termos conhecimentos das inteligências que os alunos podem desenvolver, nos capacitam a criarmos mecanismos e didáticas para ajudarmos no aumento das aptidões cognitivas dos aprendizes, de modo que a criticidade e a criatividade, tão cobradas no âmbito educacional, não sejam uma barreira para a aprendizagem.

3 O ENIGMA DAS CARTAS: ANÁLISE DOS DADOS

O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonho.
— Orson Welles

3.1 Cinema e Educação: algumas considerações

Criado pelos irmãos Louis e Auguste Lumière no final do século XIX, o cinema foi uma invenção revolucionária para o mundo das artes. A primeira vez que um filme foi exibido foi em 28 de dezembro de 1895, em Paris, foram apresentadas “imagens ‘documentais’, registros de situações cotidianas, vistas, paisagens, hábitos e costumes de civilizações distantes, geográfica e culturalmente, umas das outras” (DUARTE, 2002, p. 23).

Com o decorrer do tempo, o cinema ganhou força e além de mostrar as representações do cotidiano, passou a criar estórias, explorar a fantasia, utilizar humor, drama, romance, terror e explorar temas considerados tabus – como a homossexualidade ou os transtornos psicológicos. Todavia, o intuito principal do cinema – entreter – começou a dar espaço para novas possibilidades de interpretações. A mesma história poderia ser contada sob óticas e perspectivas diferentes e com isso, foi possível analisar criticamente como o contexto retratado nos filmes representava crenças da sociedade de cada época.

Além disso, por retratar os mais variados aspectos sociais, o cinema pode ser considerado um excelente recurso didático, ou seja, uma ferramenta para o ensino/aprendizagem em sala de aula. Duarte (2002) afirma que o vínculo entre educação e cinema vem se estabelecendo há décadas, todavia, o relacionamento é de pouca harmonia. Isto ocorre porque os longas-metragens que representam a escola tendem a romantizar o ambiente escolar, não apresentando os reais problemas enfrentados todos os dias em sala de aula.

Apesar disso, quando nos voltamos para o cinema que reflete a história, a literatura e as ciências afins, podemos considerar que o emprego desse recurso em sala de aula pode ser vantajoso, já que o universo lúdico proporcionado pela sétima arte pode despertar a curiosidade e criticidade dos alunos. Duarte (2002, p. 87) afirma:

Imersos numa cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para “ilustrar”, de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis.

Sendo assim, a utilização de filmes em salas de aula torna-se cada vez mais frequente, tornando-se um mecanismo bastante eficaz para a produção de leitores críticos. Como bem afirma Napolitano (2009) *apud* Silva (2014), os filmes tornam-se aliados do ensino, possibilitando aprendizagens e visões de mundo diversificadas. Além disso, os reflexos da sociedade representados pela sétima arte nos traz a possibilidade de analisamos como os fatos do dia-a-dia podem influenciar na subjetividade das pessoas. Miranda et al (2006, p.1) afirma:

A relação entre cinema e educação, inclusive a educação escolar, faz parte da própria história do cinema. Desde os primórdios da produção cinematográfica a indústria do cinema sempre foi considerada, inclusive pelos próprios produtores e diretores, um poderoso instrumento de educação e instrução.

Sendo assim, educação e cinema caminham juntos desde o princípio da criação deste e por meio da união de ambos é possível desenvolver uma educação produtiva. Miranda et al (2006, p. 2) afirma ainda que “as imagens e os audiovisuais nos educam. Uma educação cultural que possui uma didática construída na tensão política e mercadológica que envolve as produções culturais da nossa sociedade tecnológica” possibilitando que os espectadores aprendam com o que assistiram.

Portanto, por meio do cinema, é possível ampliar o leque de possibilidades de leituras, interpretações e formas de ver o mundo, além de ele expandir o desenvolvimento de uma consciência reflexiva e crítica, de modo que possamos tê-lo como ferramenta de ensino dentro e fora da sala de aula.

Sob outra ótica – a do pesquisador – os filmes podem ser grandes *corpus* de pesquisa. Isto ocorre, pois, “as relações entre espectadores e filmes, entre cinema e cultura, entre indústria e consumo cultural e assim por diante, gerando posicionamentos divergentes frente à produção cinematográfica de um modo geral” (DUARTE, 2002, p. 97), podem ser analisadas sob diversas perspectivas, possibilitando uma crítica ao que foi produzido.

Além disso, há “uma importância social” para o cinema, o qual “veicula valores e crenças da sociedade em que está imerso” (DUARTE, 2002, p. 106), permitindo um olhar

crítico sobre a própria sociedade e sobre como ela nos é apresentada. Por esse motivo, o pesquisador precisa ter dois cuidados ao analisar o cinema: 1. O cuidado em escolher a obra analisada e 2. O cuidado em escolher a perspectiva/teoria para analisar.

Neste trabalho, a maior dificuldade foi escolher um longa-metragem que, de fato, pudesse explorar o desenvolvimento cognitivo das crianças, visto que a teoria escolhida (das Inteligências Múltiplas) estava definida. A teoria, por sua vez, ao ser aplicada, possibilita uma análise clara do que está sendo procurado, expondo o desenvolvimento de variadas inteligências. Desse modo, *O enigma das cartas* retrata os avanços e regressos de uma criança em fase de aprendizado e, conseqüentemente, como as inteligências podem ser admitidas por cada ser humano, de modo que, possamos estar habilitados com todas ou algumas formas de cognição.

3.2 Cinema e Psicologia

As artes visuais, em especial o cinema, trazem boas representações da subjetividade humana. Seja por meio de curtas ou longas metragens, ele consegue representar conflitos, dores, pânicos e sentimentos, no geral. Sendo assim, Skip Dine Young (2014), explana que a Psicologia pode fazer diversas interpretações, com as mais variadas perspectivas, sobre o mesmo filme. Desse modo, o autor salienta que:

Uma abordagem da classificação do comportamento exibido no filme é relativamente intuitiva. Um analista simplesmente define um padrão de comportamento particular e depois identifica filmes, personagens e gêneros selecionados que exemplificam essas tendências. (YOUNG, 2014, p. 37).

Ou seja, conforme a abordagem teórica do pesquisador, o material da pesquisa é escolhido, de modo que se possa encontrar, ao menos, vestígios do que se é procurado. Desse modo, esta pesquisa busca analisar algo específico dentro do filme “o enigma das cartas” — como o desenvolvimento das inteligências múltiplas é realizado pela personagem Sally — buscando observar quais fatores influenciarem na ampliação ou diminuição das capacidades da garota, podendo, assim, chegar a outras descobertas válidas à pesquisa.

Por outro lado, Young (2014) destaca que as doenças psicológicas, por exemplo, são retratadas, muitas vezes, de maneira errônea, ridicularizando, e atribuindo características violentas/exaltadas às personagens que sofrem com os transtornos. Isso cria

estereótipos perigosos para quem assiste a esse tipo de representação, pois, mostra contextos equivocados sobre a realidade. Sobre isso, o autor completa: “os filmes que são solidários com relação aos personagens que sofrem de doenças mentais podem ter um efeito potencialmente humanizador” (p. 73), ou seja, boas representações sobre os transtornos psicológicos possibilitam que possamos compreendê-los e tratá-los com mais empatia e menos preconceitos.

Dessa forma, é possível notar que cinema e psicologia andam juntos, quando trabalhados de maneira precisa, e podem possibilitar conhecimentos sobre a consciência humana, se bem aferida. Portanto, utilizar ambos em uma pesquisa pode gerar boas contribuições para o âmbito acadêmico.

3.3 Considerações sobre o filme *O enigma das cartas*

O enigma das cartas, filme de 1993, narra a história de Sally, menina de 5 anos, que após a morte trágica de seu pai (no México), reage de maneira intrigante ao retornar para sua casa nos Estados Unidos. A menina recusa-se a voltar a falar e começa ter atitudes estranhas. Dentre estas, é importante salientar a dificuldade da comunicação oral, a fixação por objetivos postos em lugares específicos e o desenvolvimento de capacidades motoras não desenvolvidas anteriormente.

Com o decorrer da trama, a mãe de Sally, Ruth Matthew, nota as mudanças de comportamento da filha, porém, crê que seja por causa do forte trauma sofrido recentemente. Após um incidente na escola da criança, Ruth foi notificada que um colega da filha se machucou ao tentar imitar Sally, que subiu em uma árvore e, por isso, a menina precisaria passar por um tratamento psiquiátrico. *A priori*, a mãe foi contra, todavia, o médico presenciou uma crise da menina, a qual estava em cima do telhado, juntamente com a mãe, gritando desesperadamente por haver uma mudança na posição que o boné que a Ruth estava usando. Após o ocorrido, o psiquiatra diagnostica a criança como autista, deixando a matriarca da família ainda mais transtornada.

Com o passar dos dias, outro fato importante acontece: após levar a filha ao seu trabalho (uma construção de prédio), Ruth se depara com a menina no quadragésimo andar, sendo assim, acusada de negligência e obrigada a aceitar o tratamento psiquiátrico para sua filha. Após alguns dias de tratamento, sem resultados, Sally constrói um “castelo de cartas” em seu quarto, surpreendendo sua mãe e seu irmão mais velho, já que ela nunca

havia feito algo parecido. Ruth fotografou a construção da filha e mostrou ao psiquiatra, como forma de provar que sua filha não tinha problema algum. Este, por sua vez, mostrou à mulher diversos casos cujas capacidades das crianças haviam sido desenvolvidas de maneira parecida.

Outro episódio importante foi quando a Sally estava numa sala de pintura com o psiquiatra e após este se ausentar, ela se camuflou de árvore, ou seja, ela utilizou as tintas da sala para pintar o próprio corpo e ficar “invisível” na sala. O próprio médico achou que a garota havia fugido, porém, depois de um olhar mais atento, percebeu a camuflagem realizada pela personagem. Concomitantemente a isso, Ruth tentava reproduzir em tamanho real o “castelo de cartas” produzido pela filha, como forma de conseguir interagir com ela novamente. Sendo assim, por meio dessa construção, Sally conseguiu despedir-se do pai, que para ela, morava na lua, e reestabelecer laços com a família, voltando ao normal.

3.4 Descrição e análise de cenas

- **Cena 1: [01:08/03:15]**

A primeira cena do filme é marcada pela personagem Sally em um diálogo com seu companheiro de viagem, um descendente do povo maia, até então não identificado. Durante a conversa, a menina questiona o homem sobre a origem do universo, sobre quem criou as pessoas e qual a função de o ser humano na terra. Ela inicia a conversação com os seguintes questionamentos:

Sally: *Por que as pessoas sonham?*

Arqueólogo: *Para ver as coisas melhor.*

Sally: *De onde as pessoas vêm?*

Arqueólogo: *Os deuses as fizeram.*

Sally: *Onde os deuses moram?*

Arqueólogo: *Eles moram em todas as coisas vivas.*

Sally: *Por que eles fizeram as pessoas?*

Arqueólogo: *Porque estavam entediados. Eles fizeram as pessoas para entretê-los.*

Sally: *Por que os deuses deixam as pessoas morrerem?*

Arqueólogo: *As pessoas não morrem, elas vão de uma casa para outra.*

No decorrer da cena, é possível ver a menina sorrindo, interagindo com a personagem e a todo o momento demonstrando interesse em entender os motivos pelos quais as coisas acontecem. Simultaneamente ao diálogo entre as personagens, Sally toca

um espécie de flauta, com sons singelos e repetidos, que embalam a cena. Ainda durante essa primeira conversa, a menina corrige o amigo que diz a palavra “veja” ao invés de “inveja”, o que demonstra um conhecimento linguístico adequado por parte da garota.

Em um determinado momento da conversa, o descendente maia narra uma história da mitologia de seu povo, o qual afirma que em sonhos não há palavras, pois, isso impede que possamos ver o que realmente é necessário. A menina questiona:

Sally: *Por que não têm palavras?*

Arqueólogo: *Porque é mais fácil ver sem palavras.*

Sally: *Mas o que elas veem?*

Arqueólogo: *Elas veem o mundo, como ele realmente quer.*

Diante do ocorrido na primeira cena, pode-se afirmar que neste período, a menina desenvolve de maneira efetiva e adequada a inteligência linguística, que, segundo Gardner (1995, p. 25), é a capacidade de interagir e se comunicar com outras pessoas, seja de maneira oral ou por meio de gestos e ações. É importante ressaltar que, a menina falava três idiomas diferentes e tinha grande facilidade para se expressar; o que será pontuado em cenas posteriores. Desse modo, a personagem consegue transmitir suas inquietações com facilidade, se expressando com clareza e pontualidade.

Outra inteligência demonstrada pela garota é a musical, visto que a menina embala o diálogo ao som de uma flauta. Enquanto ela conduz o instrumento, consegue se expressar e transmitir seus sentimentos, já que o instrumento embala a conversação. Sendo assim, Gardner (1995) afirma que a partir da música o homem se comunica com o mundo exterior de modo que, talvez, com a linguagem não fosse possível, por isso, a junção da linguagem com a música, compõe uma forma de expressão única e particular para cada indivíduo.

- **Cena 2: [3:59/6:00]**

No início da noite, após a primeira conversa com o arqueólogo Maia, Sally realiza um monólogo com suas três bonecas de pano. Nesse momento, ela pede para que os brinquedos não chorem e posteriormente inicia a contagem de uma história que havia aprendido com o amigo Maia anteriormente. No entanto, sua mãe, Ruth, a interrompe, brincando. A mulher afirma que a criança não deve rir, enquanto esta cai na gargalhada. O amigo maia aproxima-se entregando presentes à família. A Sally, o presente já havia sido entregue – as bonecas –, posteriormente foi a vez de o presente de seu irmão, Michael, que

ganhou um avião e, por último, uma máscara oferecida ao finado pai da garota – Alex – que faleceu em uma acidente enquanto trabalhava.

No momento da entrega da máscara o homem afirma:

– E isso é para Alex, porque, ele vive! SEMPRE!

Ruth, claramente, fica incomodada com o comentário do homem, no entanto, Sally demonstra bastante interesse e, mudando de idioma, indaga sobre onde o seu pai está. Mais uma vez o homem maia se posiciona e afirma:

– Lá em cima, bem na lua!

A menina fica emocionada com o que foi dito e indaga como é possível seu pai ter chegado até a lua, se ele está morto e é surpreendida com mais uma resposta admirável:

– Lembre que às vezes você tem que ficar bem quieta para ver as coisas.

Ruth mais uma vez interfere e se despede do homem, assim como seus filhos, e voltam para a sua casa (nos Estados Unidos). Durante o percurso, a menina sonha e relembra a história que foi aprendida naquele dia.

Durante a segunda cena, a personagem mais uma vez demonstra sua afinidade com a linguagem. Ela conversa com o arqueólogo Maia e tem contato com a cultura do homem, que insinua que as pessoas não morrem, apenas mudam de casa. Esse pensamento, portanto, continua sendo a forma encontrada pela personagem para se expressar durante o percurso de retorno para casa.

Gardner (1995) afirma, ainda, que a por meio da inteligência linguística é possível criar formas próprias de se expressar, ou seja, mesmo não utilizando a oralidade, é possível conseguir se posicionar diante dos fatos. No caso da personagem Sally, na cena descrita, a utilização do sonho é o meio de expressão encontrado por ela para demonstrar seus pensamentos.

- **Cena 3: [6:15/18:00]**

Ao se deparar com sua casa, Sally não demonstra nenhuma animação, diferentemente de seu irmão, que imediatamente corre para brincar. Ruth relembra os momentos que viveu com seu marido, enquanto a menina continua quieta.

Durante a noite, Sally sobe na janela de seu quarto e observa a lua, lembrando a conversa que teve anteriormente com o descendente maia. As palavras sobre como as pessoas não morrem, mas sim, mudam de casa, estavam firmes na mente da garota que continuava a imaginá-las.

No dia seguinte, Michael brincava com um amigo, pilotando um avião de controle remoto. Este, no entanto, perde o controle e fica preso em cima da casa. A garota que observava tudo percebeu que o avião estava preso, enquanto seu irmão desistiu de brincar e procurou outra ocupação. Enquanto o garoto foi jogar vídeo game, a menina, escondida, subiu na casa e resgatou o brinquedo, demonstrando uma capacidade de escalagem, não observada anteriormente. Outro fato que chama atenção neste momento é que a garota não pronunciou nenhuma palavra após a volta para sua antiga casa.

Durante a noite, neste mesmo dia, o irmão mais velho de Sally busca uma explicação para como a garota conseguiu recuperar o avião, sozinha. Enquanto isso, ela se posiciona de cócoras sobre a cama, olhando para as bonecas que havia ganhado anteriormente. Michael tenta conversar com a garota, que o ignora e tenta subir na casa novamente, mas se depara com uma reação totalmente inesperada ao mexer nos brinquedos. Sally grita compulsivamente e sem explicações. Também sem explicações a garota para de gritar quando o irmão reposiciona as bonecas exatamente no lugar que estavam antes.

Neste momento é possível notar a evolução da inteligência corporal-cinestésica da menina, cuja característica predominante é “a capacidade de usar o próprio corpo para expressar uma emoção [...], jogar um jogo [praticar esportes]” (GARDNER, 1995, p. 23) ou criar algo novo utilizando as próprias capacidades motoras. Desse modo, a menina começa a ter um controle maior sobre o próprio corpo, característica não apresentada anteriormente. Assim como, expressar habilidades físicas impressionantes, já que ela desenvolveu a capacidade de escalagem de forma rápida e efetiva. Sendo assim, ao utilizar o próprio corpo para praticar um exercício novo, mesmo que imperceptivelmente para a garota, ela desenvolve uma nova forma de expressão, desenvolvendo suas capacidades

motoras. Além disso, durante o ato de gritar, a garota demonstra traços fortes da inteligência intrapessoal, já que ela usa o grito como forma de demonstrar o que está sentindo, que é o incomodo pela alteração de local das bonecas, sendo assim, apresenta controle sobre as próprias emoções.

- **Cena 4: [18:02/30:00]**

As aulas dos filhos de Ruth se iniciam e sua filha mais nova continua sem falar. Durante o intervalo para o lanche, a garota vê uma árvore e decide subi-la. Um garoto que a observava, decidiu reproduzir a cena, o que resultou em uma queda e consequentemente um machucado. A escola resolve tomar providências; notifica Ruth e pede que a mulher leve sua filha ao médico psiquiatra, visto que estão acontecendo atitudes estranhas das registradas anteriormente.

Já em casa, a garota observa seu irmão brincar de beisebol com um amigo. Em um dos lances, a bola segue em direção à garota, que, com o reflexo apurado, consegue segurá-la sem esforços. Os meninos ficam perplexos com o ocorrido, porém, continuam brincando. Quando o jogo é prosseguido, a bola é arremessada em cima da casa e Michael ordena que a garota vá pegar a bola.

Ao perceber que a filha está em cima da casa, Ruth se desespera, subindo também no telhado para salvar a menina. Ela, porém, altera a posição de seu boné e quando a garota a vê, começa a gritar, como havia feito anteriormente com o irmão, o que assusta a mulher ainda mais. Nesse momento, o médico, que fora encaminhado pela escola, aparece na casa da família e tenta compreender o que está acontecendo e pergunta se há algo de diferente no que a mãe está vestindo.

Logo Michael descobre que o boné está na posição errada e, ao ser colocado da forma comum para a garota, ela para de gritar e retorna para dentro de casa. A garota age como se nada tivesse acontecido. O médico, no entanto, busca explicações para o acontecido e tenta descobrir a quanto tempo a garota está agindo de forma estranha. Ruth, por sua vez, defende a filha e afirma que a garota precisa de um tempo para se adaptar à nova vida. O médico, não convencido, insiste que a mulher o procure em seu consultório para que haja uma conversa. A mulher é relutante, mas acaba cedendo.

As capacidades físicas da menina mais uma vez ganham destaque, reafirmando que a inteligência cinestésica-corporal agora está mais presente em sua vida. Além de

conseguir um bom equilíbrio, ela também desenvolveu agilidade e atenção. Estas, no entanto, podem ser também, características da inteligência espacial, que como bem pontua Gáspari e Shwartz (2002) possibilita termos noção de espaço, assim como delimitarmos bem o ambiente em que estamos inseridos. Sendo assim, quando a personagem consegue segurar a bola arremessada pelo irmão de forma repentina, ela consegue exercer a capacidade de delimitar o espaço.

- **Cena 5: [31:55/52:30]**

Sally é lavada ao consultório do médico que a observa por diversos minutos; a garota, no entanto, não esbanja nenhuma reação. Desse modo, o médico começa a traçar um perfil da criança, chegando à conclusão de que ela é autista e propõe que novos exames sejam realizados para que haja certeza do diagnóstico. A mãe não aceita o que foi proposto e afirma que a filha é uma criança normal e saudável.

Em casa, antes de dormir, Ruth tenta conversar com a filha; sem sucesso. No meio da noite a menina levanta, pega uma cesta, onde guardava os brinquedos, desce as escadas e recolhe todas as cartas (jogos) que encontra na casa e retorna ao quarto. Lá, a garota começa a montar um enorme castelo de cartas, tão grande e rico em detalhes que deixa seu irmão totalmente assustado. O menino corre e chama sua mãe que vai ao quarto da garota e fica impressionada com a grandiosidade da construção.

Ruth fotografa tudo como forma de provar ao médico que Sally é muito inteligente, ou até superdotada, mas a reação do médico é fria, afirmando que uma das características autista é justamente desenvolver alguma habilidade com maestria. Para exemplificar, o médico mostra diversos outros casos que estuda para a mulher, que se irrita com o posicionamento do psiquiatra e vai embora.

Ao chegarem ao jardim da clínica, Sally se solta da mãe e observa dois meninos. Eles soletram números, aparentemente aleatórios, no entanto, Ruth se aproxima, observando-os mais de perto e anota os números citados para tentar entendê-los posteriormente. A mulher descobre que os meninos, na verdade, estavam se comunicando por meio de números primos, ou seja, números divisíveis apenas por eles mesmos e por 1 (um). Ela descobre que é necessário um computador para calcular números primos com mais de cinco dígitos e fica impressionada com a capacidade das crianças.

Ruth retorna à clínica a procura dos meninos que havia observado anteriormente. Ao encontra-los tenta conversar com ambos, sem sucesso. No entanto, ao começar a citar os números primos, os meninos a olham e permitem que a mulher interaja com eles. O médico fica furioso por Ruth ter conseguido juntar-se aos garotos, afirmando que ela pode ter atrapalhado o tratamento das crianças, no entanto, a mulher se defende e diz que se foi possível entrar no mundo de crianças que não conhecia, também é capaz de encontrar algo para se comunicar com a filha. Ruth vai embora para sua casa e tenta reproduzir o castelo de cartas produzido por sua filha. Vendo que não conseguiria, a mulher tenta reproduzir o objeto digitalmente em um programa de computador.

Nesta cena, é possível detectar duas inteligências interessantes. A primeira, a corporal-cinestésica, que dessa vez é representada pela capacidade criativa da garota. Gáspari e Shwartz (2002) afirmam que esta inteligência pode ser representada por meio das artes, do controle do corpo e pelo desenvolvimento de formas de expressão originais. Desse modo, os autores pontuam que a inteligência corporal-cinestésica, além do que já foi citado, nos ajuda a “superar as linhas demarcatórias que o inibem de viver, com plenitude, a experiência”, GÁSPARI; SHWARTZ (2002, p. 265), ou seja, ajuda a rompermos os limites de nossos próprios corpos.

A segunda inteligência que merece destaque é a interpessoal, que como foi destacada anteriormente, é a capacidade de compreender o outro. Este fato foi bastante vivenciado pela personagem Ruth, que conseguiu interagir com os garotos com primor. Sendo assim, Nunes (2014, p. 867) afirma, por fim, que esta inteligência está “baseada numa capacidade nuclear de perceber distinções entre as pessoas, seus estados de ânimo, temperamentos, motivações, intenções e desejos dos outros”.

- **Cena 6: [52:50/01:10:22]**

No dia seguinte Ruth voltou ao seu emprego e levou consigo seus filhos. A menina, todavia, não ficou onde sua mãe ordenou e escalou um prédio em construção. Ao perceber a cena, a mãe da menina se desespera para salvar a filha, que sai intacta da aventura. Ruth, no entanto é acusada de negligência e para não perder a guarda da filha será obrigada a aceitar o tratamento proposto pelo psiquiatra.

A mulher não desiste de sua filha e percebe que a construção de cartas é, na verdade, um caminho, encontrado por Sally, para ir até a lua, onde, supostamente, seu pai

estava morando, então, começa a criar um tratamento alternativo para a filha. A mãe inicia uma edificação em tamanho gigante da construção realizada por Sally com as cartas.

O tratamento convencional, entretanto, continuou e Ruth leva a menina novamente à clínica. O médico continuou buscando métodos para trazer a garota “de volta” ao normal, mas sem progressos. Enquanto isso, a construção que Ruth realiza está crescendo e começando parecer com a que foi realizada por Sally, o que deixa a mulher esperançosa.

Em outro dia de tratamento, o médico deixa Sally sozinha na sala e, ao voltar, a garota tinha desaparecido. Na realidade, ela havia se pintado e camuflado em forma de uma árvore que aparecia pela janela, demonstrando habilidades manuais incríveis e não registradas anteriormente.

Mais uma vez a inteligência corporal-cinestésica aparece de maneira forte, porém, de forma diferente, visto que as capacidades motoras desenvolvem-se para artísticas, ou seja, o método de expressão se altera para transmitir a mensagem que a personagem desenvolvia naquele momento. Desse modo o corpo transcende os limites propostos anteriormente e expande-se.

Outra inteligência que ganha destaque é a espacial. Isso ocorre, pois, a construção do castelo de cartas em tamanho gigante, forma um caminho, conseqüentemente, um espaço onde a criança consegue se localizar e, ao mesmo tempo, usa para se locomover.

- **Cena 7: [01:11:21/01:21:34]**

Ruth finalmente conclui a edificação — idealizada pela filha — cuja forma cilíndrica gera a impressão de proximidade com a lua. Sally, por sua vez, tenta sair de casa para observar o céu noturno. Durante a madrugada, a menina vai até o local onde a mãe executou a obra e a encontra dormindo. A garota caminha pela edificação e chega ao topo. Lá a jovem observa a lua e convida sua mãe a segui-la. Tudo pareceu um sonho confuso para Ruth, mas ao encontrar Michael e Jacob – o médico – com Sally nos braços, percebe o que realmente aconteceu e retorna à torre de madeira com a menina. Ambas sobem a estrutura novamente, há um flashback o qual a garota se despede de seu pai, e ao retornar, com sua mãe, ao solo, a menina estava normal, falando, sorrindo e carinhosa como antes de voltar à sua casa.

Por fim, é possível notar o retorno à expressão linguística por parte da personagem Sally, sendo assim, há o “resgate do elemento humano da sua natureza e da oportunidade

do homem viver sua própria natureza” GÁSPARI; SHWARTS (2002, p. 265) por meio da linguagem, que segundo estudiosos da linguística é algo inerente ao ser humano.

Todavia, mais duas inteligências ganham destaque nessa cena. A primeira é a inteligência naturalista, que aparece por meio da apreciação da lua e pelo fato de a criança se locomover muito bem no ambiente rural onde a construção está localizada. A segunda é a inteligência existencial, que ganha destaque quando a personagem Sally se despede de seu pai. Nesse momento a garota transcende os limites do real e do imaginário e começa a lidar com a perda do pai. Sendo assim, a garota encontra o “destino superior” ao qual seu pai foi encaminhado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos fatores influenciaram as alterações cognitivas da personagem Sally, podendo destacar a influência do arqueólogo Maia – visto que ele foi o estopim para que a menina perdesse o interesse pela fala e buscasse o reencontro com o pai – o trauma pela perda do pai e o diagnóstico de autismo. No entanto, para esse trabalho, o foco é observar as capacidades desenvolvidas e não como foram instigadas. Sendo assim, é importante salientar a predominância da inteligência corporal-cinestésica, cuja principal característica é despertar os sentidos corporais e criativos do ser.

Além disso, é possível destacar presença da inteligência linguística aparente na personagem no início e no final do longa-metragem. A menina demonstra, não só conhecimento linguístico (por falar 3 idiomas), mas também, a capacidade de expressão bastante apurada. Ela consegue transmitir o que sente, assim como tirar dúvidas, argumentar e interagir.

A garota apresenta ainda a lógico-matemática, visto que a menina consegue criar ângulos difíceis durante a montagem do castelo de cartas, a inteligência intrapessoal, ao demonstrar autoconhecimento e a inteligência naturalista, durante a apreciação da natureza e a inteligência existencialista quando a personagem se despede de seu pai.

Outra inteligência que merece destaque é a interpessoal, claramente demonstrada pela personagem Ruth, que, por meio da empatia, conseguiu compreender o mundo das demais personagens, de modo que conseguiu “curar” o problema da Sally.

Portanto, é possível perceber a presença de um misto de inteligências que, ao serem combinadas, criam uma personagem única, que apresenta características próprias e que desenvolve diversas capacidades durante o enredo, o que entra em conformidade com o que é proposto por Gardner (1995) que afirma que a combinação das inteligências é quem cria um ser ímpar.

Sendo assim, mesmo diante de tantas possibilidades de estudos, quando pensamos nos processos de desenvolvimento cognitivo nos deparamos com a possibilidade de aprendermos e reaprendermos diferentes inteligências, em tempos diferentes e de formas diferentes, o que reformula o pensamento de Gardner (1995) que assegura que quanto mais dominarmos as mais variadas inteligências, mais inteligentes e adaptáveis seremos.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Thomas. **Inteligências Múltiplas na sala de aula**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

BRASIL. LEI n. 11.769, de 18 de ago. de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica**. Brasília, p. 1-1, ago. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111769.htm>. Acesso em: 03 jun. 2018.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. 37 ed. – Petrópolis, Vozes, 2008.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. Revista e-Ped – FACO /CN ECOsório Vol. 2 – N° 1 – AGO/2012 – ISSN 2237-7077. Disponível em: <[http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky - sua teoria e a influencia na educacao.pdf](http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teor%C3%ADa_e_a_influ%C3%AAncia_na_educacao.pdf)>

DUARTE, Rosália. Cinema & educação. – Belo Horizonte : Autêntica, 2002. – 2. ed. 128p. – (Temas & Educação, 3) ISBN 85-7526-060-X

FREITAS, Daiane Coimbra de; TAVARES, Helenice Maria. **Inteligências múltiplas na educação infantil**. Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Católica de Uberlândia. Disponível em: <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosn4v2/18-pedagogia.pdf>>

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GÁSPARI, Josset Campagna de; SCHWARTS, Gisele Maria. **Inteligências Múltiplas e Representações**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Set-Dez 2002, Vol. 18 n. 3, pp. 261-266. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n3/a04v18n3>>

KLAMMER, Celso Rogério; GNOATTO, Dejanira Malacarne; OZÓRIO, Érika Vanessa Kampa; SOLIERI, Mariluz. **Cinema e Educação: possibilidades, limites e contradições**. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 872-882.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque; COPPOLA, Gabriela Domingues; RIGOTTI, Gabriela Fiorin. **A educação pelo cinema**. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/setimaarte/images/pdf/miranda-cea-educ-cinema1.pdf>>

NAPOLITANO, M. **Cinema: experiência cultural e escolar**. In: SILVA, Josineide Alves. Cinema e educação: o uso de filmes na escola. Revista Intersaberes | vol.9, n.18, p.361-373 | jul.- dez. 2014

NUNES, Nádia Cristina Rodrigues. **Uma abordagem pedagógica para a teoria das inteligências múltiplas**. Editora Científica: Manolita Correia Lima, 2014.

PILETTI, Claudino. PILETTI, Nelson. **História da educação: de Confúcio a Paulo Freire** / Claudino Piletti e Nelson Piletti. – 1. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2016.

STREHL, Leticia. **Teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner**: breve resenha e reflexões críticas. Trabalho apresentado com requisito parcial para a conclusão da disciplina Seminário sobre Ensino de Comunicação e Informação, 2000/2. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/40061446/HowardGardner_-_Teoria_das_Multiplas_Inteligencias.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1529947004&Signature=dtUpZKH3MRyzlrOybGfSrUKLsuU%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DHoward_Gardner_Teoria_das_Multiplas_Inte.pdf>

TELES, Maria Luiza Silveira. **Psicodinâmica do Desenvolvimento Humano**: uma introdução à psicologia da educação. – 9. ed. rev. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2001.

TRAVASSOS, Luiz Carlos Panisset. **Inteligências múltiplas**. Revista de Biologia e Ciências da Terra, ISSN 1519-5228, Volume 1 - Número 2 – 2001. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/500/50010205/>>

YOUNG, Skip Dine. **A Psicologia Vai ao Cinema**: o Impacto psicológico da sétima arte em nossa vida e na sociedade moderna. Ed. 5. Cultrix,